Pola:fer:e pola:grer

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João H. Santos
Telefone: C. 1035

OS INTEGRALISTAS NOS CAMPOS DE BATALHA

Capitão Anibal Gonçalves de Azevedo, promovido por distinção e condecorado com a medalha de 2.ª classe da Cruz de Guerra pela fórma como auxiliou eficazmente o seu comandante na preparação dum «raid», fornecendo informações completas com respeito ao inimigo, sendo o primeiro a entrar nas trincheiras do mesmo inimigo, impulsionando, pela sua acção, todo o assalto, avançando sem hesitar até á 2.ª linha e fazendo frente aos que pretenderam contra-atacar e repelindo-os — no que revelou grandes qualidades de comando, nteligencia e bravura.

«Art. 3.º — Que seja louvado o alferes de infantaria 22, Luís de Portugal da Fonseca e Melo, pelo cuidado que mostrou pelo serviço ao tomar conta do sector que pela primeira vez ia ocupar e sobretudo porque sendo gravemente ferido por ocasião de um grande bombardeamento de morteiros feito pelo inimigo, bem como a sua ordenança, cuidou imediatamente dos socorros a prestar a esta, desprezando os seus, praticando assim um acto de abnegação.»

«Louvo o alferes miliciano do 2.º grupo de bateria de artilharias, José Augusto Brandão Pereira de Melo, pela coragem e sangue frio que mostrou no dia 1 do corrente, não hesitando em se dirigir á 4.ª secção da sua bateria quando esta, e os caminhos que para lá conduziam, estavam a ser bombardeados, a fim de fazer continuar o seu fogo, que tinha parado devido a baixas nas guarnições e avarias no material; pela dedicação pelo serviço e valor que mostrou, não abandonando o seu posto até final do combate, apesar de ferido e fortemente atacado pelos gazes.»

A questão social

Capital e trabalho—Solução de conflictos

Aproposito da arbitragem que solucionou o conflito entre os ferro-viarios e a antiga Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, recortamos dos jornais um telegrama de Alem-Atlantico para tirar uma dupla lição que vem a ser:—em primeiro lugar a necessidade de regressarmos ás nossas antigas instituições sociais, agora que está comprovada a falencia de modernismos e que elas estão sendo criteriosamente adaptadas por povos *progressivos* embora sem tradições; em segundo lugar, a imperiosidade de solucionar *imediatamente* todas as questões que se prendem com o operariado, facto que todas as Nações, e nomeadamente as envolvidas na Guerra, reconhecem como de importancia capital para mantença da ordem publica, tanto antes como depois da Paz.

Eis o telegrama:

Washington, 2 — A Comissão do Trabalho de Guerra, com séde em Washington elaborou um programa para evitar greves e lock-outs durante a guerra e levar a produção até ao maximo. Todas as questões que se relacionam com a guerra serão levadas á Comissão e, não se chegando a acordo nomear-se-ha um perito escolhido por unanimidade ou por sorteio entre dez nomes de pessoas idóneas indicadas pelo presidente da Republica. Os operarios poderão organizar trade-unions e escolher os seus delegados. A Comissão, de que faz parte o ex-Presidente Taft, tratará da fixação de salarios, das horas de trabalho, salubridade e comodidade dos operarios equiparação do trabalho das mulheres ao dos homens e mobilização do trabalho.

A' Comissão do Trabalho de Guerra compete, portanto, resolver conflitos entre patrões e operarios—funções de arbitragem; e compete ainda a fiscalização dos meios de vida dos operarios, melhorando-os e satisfazendo algumas das suas mais instantes reclamações e que poderemos chamar — funções de previdencia social.

O que isto representa de justiça feita ao proletariado, de equilibrio e cooperação entre o capital e o trabalho (tão acintosamente postos em luta pela mentira liberal) é, conseguintemente, de beneficio para a paz publica, torna-se desnecessario encarecer por evidente. Não falamos já no aumento da produção total e —o que é tambem importante nesta Guerra em que as necessidades dumentam espantosamente em cada hora—na progressividade do aumento da produção.

Dada a dificuldade — tantas vezes manifestada—de decidir esta Guerra pela força das armas e tendo em vista que a guerra economica, em que os Aliados contavam poder levar os Imperios á rendição pela fome, se tornou hoje um sonho sem objectividade pratica por causa da paz com a Russia e com a Roménia, devemos temer que no factor Ordem publica se encontre o segredo da decisão deste tremendo conflito.

Crescendo de instante para instante as dificuldades criadas pela Guerra áqueles que vivem do producto do seu trabalho, não é com artificiosos aumentos de salario, nem com subvenções, que se afasta muito o momento em que a miseria, actuando sobre a desorganização e sobre a desmoralização crescentes, arrastará (quem sabe a que extremos de violencia?!) a multidão das cidades.

A criação dum Conselho Arbitral, seguida da abolição do direito á greve, impõe-se como de necessidade imediata para a solução pacifica e obrigatoria de todos os conflitos, evitando as perturbações gravissimas que certos movimentos operarios podem trazer á vida nacional.

Seria a adaptação da *Casa dos Vinte e Quatro* ás necessidades da vida moderna.

Por outro lado, é urgentissimo que se modifique a situação moral e material dos trabalhadores, instruindo-os nos deveres profissionais e sociais, resolvendo o problema das habitações baratas e higienicas, cooperativas de alimentação e vestuario ou de consumo, socorros na invalidez, etc.

E isto, em ultima analise, não é mais do que um duplo sistema de defeza: defeza contra o inimigo externo, pelo aproveitamento de todas as energias e pela elevação ao maximo da produção; defeza contra os desmandos possiveis e naturais das baixas classes, pela satisfação das suas justas reclamações.

Feito isto, nós teriamos fundamentalmente assegurado problema da Ordem, tanto durante como depois da Guerra, servindo-nos o figurino umericano apenas para nos apontar a necessidade de reversão ás nossas instituições tradicionais mantenedoras do equilibrio social.

E quer-nos parecer que, apesar do entre-chocar furioso dos exercitos na Flandres ter assumido proporções decisivas, a ultima palavra da guerra, aquela que decidirá do sacrificio duns e da exaltação dos outros, não será proferida pelos canhões e pelas baionetas, mas pela raiva espumante da plebe em delirio de revolta, se o que definitivamente se encontrar mais forte não dominar o mais fraco, pela força das armas, em breve prazo.

Se esta Guerra se converte numa guerra de tempo, então será vencido aquele cuja rectaguarda mais cedo se desorganizar, se anarquizar.

Convém, portanto, solucionar na medida do possivel, o problema social, para nos fortificarmos perante o inimigo e para que não suceda que um conflito militar venha a concluir numa convulsão social, numa crise de Ordem publica, como essa que subverteu o Santo Imperio dos Czares num dodoçal de ignominia e de desgraça.

G. de Ayala Monteiro.

Conde de Monsaraz

Terminada a Escola de Oficiais Milicianos, cuja frequencia o tem trazido afastado deste jornal, retoma hoje o nosso director, na ausencia de Antonio Sardinha, a directoria efectiva de *A Monarquia*. Enquanto não lhe fôr dado ir para França combater os inimigos externos da Patria, continuará batalhando contra os inimigos internos, demagogos com mascara ou sem mascara e atacando como sempre inalteravelmente o erro democratico, outra vez da mentira republicana.

Dr. Antonio Sardinha

Partiu para Elvas onde foi tratar da sua candidatura a deputado monarquico por aquele circulo, o nosso querido amigo e camarada, sr. dr. Antonio Sardinha, que dentro de breves dias estará de regresso a esta capital.

O assalto ao "Mundo,,

Continua o impagavel *Mundo* a afirmar que foram os monarquicos que lhe assaltaram a casa e lhe destruiram as paredes.

E' mais erro do sr. José do Vale. Se esse jornalista tivesse assistido ao assalto do *Mundo* veria que os assaltantes não eram monarquicos, mas os mesmos que no tempo do sr. Afonso Costa saquearam o *Dia*, a *Restauração*, *Correio da Manhã* e outros.

Venda da flôr

Excedeu todas as espectativas a generosa iniciativa da sr.ª D. Genoveva de Lima, a «Venda da flôr» que este ano excedeu a do ano passado.

O producto da venda da flôr foi o seguinte:

2 cautelas com os n.os 1 e 1737, do valor de $05; três cautelas com os n.os 2259, 2781 e 2259, do valor de $10, sorteaveis a 20-4-1918; 1 bilhete de cadeira do teatro Apolo, para o beneficio do dia 30 de abril de 1918; 1 fosforeira de prata.

Produto da venda de moedas e notas estrangeiras e um cruzado em ouro, escudos 160$04.

Dinheiro incluido no saldo aparado até anteontem á tarde, escudos: 29.560$76,5, que foi depositado ontem na Caixa Economica Portuguesa—pelo tesoureiro da comissão, sr. conde da Ponte.

—O Credit Franco Portugais contribuiu com 100$00 e a casa Pfeiferhannicom 50$.

Ayres Ornellas—Lisboa.—N'este momento d'anciedade, o meu pensamento está com as tropas portuguezas, que d'uma maneira brilhante hoaram o nosso bem-amado paiz. Que Deus as proteja!!

Sinto um vivo orgulho ao vêr os elogios feitos ás nossas tropas n'esta terrivel batalha; do fundo do coração quero prestar-lhes homenagem calorosa e desejo ao mesmo tempo encarregal-o de transmittir ás familias d'aquelles que se batem por Portugal a minha admiração, tão sincera como as minhas orações por aquelles que cahiram no campo da honra. Que o Deus dos Exercitos abençoe aquelles que se estão cobrindo de gloria.

(a) MANUEL R.

Eleições

A tecnica eleitoral vae atingindo em Portugal a sua maxima perfeição mecanisa-se. Durante muito tempo, sobreviventes ainda certas instituições organicas da nossa velha e gloriosa Monarquia representativa, e ainda forte no animo do povo a ilusão de que o parlamento continha a medida dos seus interesses que são a dos interesses dos clientelas partidarias,—de certo modo o acto eleitoral consumava o drama psicologico dum acto de vontade. O povo tinha a miragem scenica da sua soberania. Era um esforço que punha em jogo as suas melhores energias. Era um trabalho vigiado, mas um trabalho. Felizmente, com o tempo, os eleitores aperceberam-se de que o seu trabalho era essencialmente inutil: as eleições real bavam o mesmo objectivo mecanico, quer eles interviessem nelas com a sua mentalidade e com a sua moral, quer apenas lhe dedicassem o gesto desprendido de aceitar de outrem, escrita em letra de forma, a expressão de áquilo que não deixava de ser considerada—a sua vontade, a vontade da Nação.

Assim se fez uma notavel economia do esforço popular: E' a aplicação politica do taylorismo que as Americas apenas souberam aplicar á producção operaria. Não mais esforços viciados! Não mais desperdicios de energia! Se a acção mental não melhora nem modifica o resultado das eleições, para que ha-de intervir nelas o cerebro do eleitor?

E' decerto em virtude desta simplificação da mecanica eleitoral que sucede estarmos nós nas vesperas do «grande dia» sem que a opinião publica se aperceebesse ainda das intenções dos partidos e do governo. O que ha a respeito da eleição de Lisboa, por exemplo? Não se sabe. Sabe-se apenas que o governo não quiz seguir o exemplo dos seus representantes do Porto os quaes resolveram os melindres da situação incluindo um ou dois candidatos monarquicos na lista dessa cidade. Se o mesmo se fizesse em Lisboa, o governo daria uma satisfação honrosa ao eleitorado monarquico que o apoia, sem justificar os ciumes do partido socialista com quem sabemos que mantem as mais cordeaes relações, muito embora julguem o contrario os democraticos, os evolucionistas e os camachistas, dispostos hoje a trair, em seu favor, os propositos de abstenção eleitoral.

Não podem os monarquicos transigir com a situação que o governo pretende crear-lhes. A afirmação de que Lisboa é uma cidade republicana a que não convem uma representação monarquica, parece-nos uma *blague* já bastantemente desmentida pelas eleições administrativas do ano passado e pela propria revolução de dezembro. A inclusão de candidatos monarquicos na lista patrocinada pelo governo exacerba os republicanos? Mas demais sabem eles que isso seria apenas a consagração duma regra politica que eles proprios crearam. Não querem sujeitar-se á regra? *Oulcon-que hait la règle est fait pour le frein...* E se tomarem o freio nos dentes, o governo que cumpra o seu dever.

Contra a guerra

A COMPANHIA GARANTIA efectua seguros de GUERRA bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Tota & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n. 1589-C.

Liga Naval Portuguêsa

Para a conferencia que sobre a Beira Baixa realisa esta noite o nosso camarada sr. dr. Hipolito Raposo, ha grande interesse em assistir a ela, sobretudo por parte da colonia daquela provincia que habita Lisboa.

A exposição do distinto conferente é acompanhada com projecbões dos principaes monumentos, costumes, etc., e os cantos populares regionnes são cantados pela ex.ma senhora D. Alice Rey Colaço, o que tornará a preleção ainda mais interessante.

José de Melo Lapa

Por telegrama do C. E. P. hoje recebido em Lisboa, sabemos encontrar-se felizmente bem e de perfeita saude este nosso querido amigo.

Muito nos alegramos com estas boas novas.

Monarquia d'ontem
Monarquia d'amanha

Todos os monarquicos conscientes e bem intencionados reconhecem que ámanhã, restaurada a Monarquia—

diferentes teem de ser os processos e as rodas dentadas da engrenagem nacional.

Era, além de loucura, uma inacreditavel tolice vir restaurar na futura Monarquia aqueles fundamentos que foram a causa primordial da derrota da Monarquia d'ontem!

Todos os monarquicos o reconhecem em sua consciencia—é certo—embora alguns venham ainda a terreiro em defeza da viciosa matrona que findou. Esses, porém, não fazem alarido, como que envergonhados da estreiteza dos seus horisontes.

O constitucionalismo é, na verdade, o primeiro passo para a implantação da republica—e o exemplo é bem recente para que queiramos negar a verdade deste axioma. Enfraquecido o poder pessoal do Rei em beneficio dos partidos e dos politicos, tirado o valor ao municipio e á provincia, centralizada no maximo toda a administração—estava logicamente preparada a atmosfera para o golpe final num regimen que só tinha de seu o nome e o soberano!

Foi assim que nós vimos, no curto espaço dum dia, deitado a terra um regimen que nos fizera grandes, para pertilhar os vicios dos extranhos! E que a republica não derrubára a Monarquia para e tradicional! Derrubara apenas uma ficção que as ideias de estrangeiradas introduziram na nossa Patria.

O insuspeito republicano general Celestino de Sousa o faz notar no seu livro sobre «A Revolução Franceza», ao referir-se ao motim de 5 d'Outubro: «A historia demonstra superabundantemente que as transformações politicas ou sociaes sómente se conseguem a preço de sinistras e crudelissimas scenas de sangue... E, todavia, no nosso seculo, em pleno ano de 1910 a 5 de Outubro, deu-se nesta pequena mas gloriosa terra de Portugal, um facto historico excepcional, unico no decurso dos milhares de seculos que contam os fastos da humenidade:—uma monarquia de oitocentos anos baqueou em terra— quasi sem efusão de sangue!...»

Quanto á primeira afirmação estamos plenamente de acordo. A revolução franceza e a salada russa são flagrantes exemplos para os dois casos — politico e social.

Não compreendemos, todavia, a sua admiração pela fórma como foi proclamada a republica em Portugal. A efusão de sangue foi minguada pela razão muito simples de não ter havido em Portugal, propriamente, uma transformação social ou politica...

E' certo que a republica, na ancia de encarnar os principios individualistas da democracia, veiu ainda cavar mais fundo a dissolução da Familia e da Sociedade portugueza. Mas, isso foram apenas episodios isolados, arrepios de evidencia de alguns legisladores republicanos! Porque o meio social e politico, o ambiente em que se decidia dos destinos da Nação era em 1911 o mesmo que nos 80 anos de constitucionalismo! Não foi uma transformação! Foi apenas uma mudança de nomes e de personagens— de galuns, é claro, — porque o sol nascente foi a tentação de muita gente!...

Mas a rotina continuava a mesma! A republica herdara da Monarquia o meio politico republicanisado por ela propria! A Monarquia suicidara-se!...

A experiencia foi dura de mais para que nos furtemos a aproveitar-lhe as conclusões! Toda a gente reconhece que é urgente uma profunda remodelação do meio em que até agora hemos vivido. E se essa remodelação cuja necessidade os proprios governos sentem, ao transigirem com a nova corrente, não abunda daquelas sinistras e crudelissimas scenas de sangue que são apanagio de todas as transformações, é porque ela é a consequencia da evolução do pensamento e não da revolução trazida para a rua!

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Que os diplomatas são os directos e dilectos discipulos do seu patricio Machiavel, não sofre duvida, pois em todas as circunstancias tem sabido tirar proveito das situações criadas.

Em 1859, na guerra da Italia, após Magenta e Solferino recebe Victor Manoel a Lambardia, por intermédio da França. Em 1866, infeliz em Custozza e em Lissa, vem-lhe parar ás mãos o Veneto. Em 1870, neutral na luta entre a sua antiga aliada de 59 e a Alemanha, com a qual em breve irá até 1914 entrar na Triplice, rende-lhe essa abstenção a posse de Roma, usurpada ao Santo Padre, dahi em diante recluso voluntario no Vaticano.

Gente feliz e venturosa no fim de contas e que sabe tirar castanhas do lume, com geito, não deixando de se queimar, é certo, de vez em quando, mas fazendo «render» a queimadura até onde ela ardeu e custou dinheiro.

Longe de nós censurar as astutas gentes, que assim procedem. As guerras hoje em dia não se fazem (se algum dia se fizeram...) por simples questão de sentimento. Ha interesses em jogo, que é preciso salvaguardar e todo o sangue derramado precisa de sérias compensações. E essas compensações não podem deixar de ser ou alargamento de territorio, ou influencias economicas, ou *portas abertas*, etc., etc.

O exemplo de 70, com a Italia, é então frisantissimo.

A Italia devia gratidão á França. E' fóra de duvida. Fora ela que, em 59, guiada por Napoleão III acorrera em seu auxilio. Vencida a guerra com extremada bravura mas um pouco *à la diable* a França pouco pedira. Sob a influencia da Catolica Imperatriz Eugenia, o governo das Tulherias apenas se limitara a não consentir no sonho de Cavour: em Roma capital—e em pedir a cessão da Saboia á França. E entretanto deixava nos campos de Lambardia e do Veneto nada menos de 5.000 mortos, o que era muito para a epoca. E foi o *espinho* de Roma cobiçada e mal alcançada que levou a Italia ao aquecimento de antigas amisades. Em 70, Victor Manoel, cavalheiroso e vivamente solicitado por Napoleão III, empregava todos os meios para levar o seu país á beligerancia.

Mas não houve maneira de decidir os politicos á aventurosa empreza? E porque? Pois nada mais, nada menos, segundo refere Ollivier, por uma *démarche* dos elementos avançadesitalianos junto de Bismarck.

Foram eles junto do chancelier de ferro e disseram-lhe:

—Dê-nos você elementos materiaes, dinheiro, metal sonante e nós nos comprometemos a impedir que a Italia forme ao lado do seu adversario de além Rheno,

Bismarck pagou, a campanha abstendionalista é sabida. Quando a Italia, em 1914, se viu na contingencia de tomar uma atitude, não foi para o lado dos seus aliados de 66 e de 70, mas para o lado dos seus adversarios de 59 e de 66 e 70, que eram os seus aliados de 1914.

Agora, que no mar encapelado da procela, vem vergando já o bergantim real da Redempção, é preciso que enviemos todos os esforços para que ele não naufrague nos escolhos que mãos impreveridentes lhe ousam apresentar!

No nosso metodo de remodelação integral, não esquecemos, dentro do nosso Nacionalismo, todas as causas da decadencia patria. Só assim a Monarquia futura será perduravel, só assim o seu esforço poderá ter jus á veneração de todos os vindouros! Imitações grotescas e incaracteristicas veem fóra de proposito, porque passaram de moda e já ninguem as toma a sério! Hoje só ganham prestigio as ideias definitivas, as ideias que «marcam» pela sua pureza e pelas suas bases positivas! Tudo o mais é idealismo que não pode resistir ao frio contacto da Realidade!...

Palatinos conscientes da Verdade Monarquica, não consintamos nós, os Moços de Portugal, que o coração suplante a inteligencia e que a Patria á que devemos a nossa Vida seja cenaculo de idealistas, onde o paradoxo vença a Sciencia, e o preconceito vença as necessidades da Vida pratica!

Somos nós os fiadores da salvação da Patria!

Ergamos nas nossas mãos o Estandarte sublime que Dom Sebastião deixou cair em Alcacer, e vamos combater os combates da Fé, em prol do Portugal brilhante de Amanhã! E que á passagem da hoste innabalavel dos Moços, recuem para sempre as plagas do silencio a queles que desprezam os ensinamentos dos factos para só acudirem ao chamamento da conveniencia!...

João Camillo Felix Correia.